

OS SEKERU-ANKH NO ANTIGO EGIPTO. PROVENIÊNCIA, TIPOS E FUNÇÕES - IMPÉRIO ANTIGO E IMPÉRIO MÉDIO

José das Candeias Sales
(Universidade Aberta; CHUL)

As fontes textuais e plásticas egípcias transmitem amiúde uma visão unificada da civilização faraónica, parecendo deliberadamente destinadas à posteridade, apresentando, talvez por isso, uma interpretação própria, específica, da época da sua produção, frequentemente realçando uma tradição histórica oficial que sistemática e categoricamente afirma a superioridade da autoridade, da actuação e da figura real, qual expressão física de uma ordem sobrenatural pré-inscrita no funcionamento do Cosmos e que tende a repetir-se *ad aeternum*. Uma expedição ao estrangeiro simboliza o poder universal do faraó. A sua esperada vitória um desígnio divino obrigatório. As oferendas cultuais aos grandes deuses do panteão daí resultantes uma exigência constante a cumprir zelosamente. Estas são as conclusões que se podem retirar da historiografia egípcia plasmada nos documentos escritos e na decoração dos monumentos, onde perpassa claramente uma visão teológica da guerra e das suas componentes.

Não obstante este intencional carácter panegírico que a documentação egípcia patenteia, nela ecoam, de forma mais organizada ou mais fragmentária, mais simples ou mais complexa, acontecimentos ocorridos no Egipto ou nos lugares vizinhos que nos permitem escrutiná-los e estabelecer nexos entre eles na procura daquilo que têm valor real, fictício ou ritual, embora sempre do que foi, em todas essas dimensões, historicamente relevante.

Paralelamente, a concepção egípcia de “inimigo” (*khefeti*), “estrangeiro” (*chemau*), “prisioneiro” (*sekeru*) entra na esfera da ideologia, relegando-os a todos, por norma, para categorias de inferioridade, submissão, desordem e rebaixamento existencial, em contraste com os esforços egípcios no campo de batalha que são quase sempre destacados de forma superior, ordenada, laudatória e empolada. O

soberano egípcio emerge como personagem onipotente, promotor insubstituível da ordem e garante da estabilidade permanente.

A fazer fé nos repertórios iconográficos e nos testemunhos textuais que chegaram até aos nossos dias, desde o Império Antigo que o antigo Egito conheceu, a par da população egípcia regular, contingentes de prisioneiros de guerra estrangeiros, designados por *sekeru-ankh* (“prisioneiros/ cativos vivos”), assim integrados no seio da comunidade egípcia.

De facto, logo no início da IV dinastia, os relatos oficiais da chancelaria real mencionam os prisioneiros de guerra trazidos para o Egito pelo faraó Seneferu. Durante o seu reinado (2613-2589 a.C.), este faraó terá conduzido expedições militares, nomeadamente na Núbia e na Líbia, com o objectivo de conseguir gado, matérias-primas e cativos, estes destinados a aumentar a força de trabalho disponível. A doutrina de poder da época, hipercentralizada na autoridade real, fazia do faraó o herdeiro dos deuses e o verdadeiro responsável por todos os actos humanos, competindo-lhe assegurar as funções alimentares, legislativas e militares.¹

Os anais de Seneferu, inscritos na “Pedra de Palermo”, registam os factos considerados mais relevantes de cada ano de reinado. Trata-se, pois, de um registo administrativo oficial dos acontecimentos estatais. Aí encontramos estes dois apontamentos:

O ano em que se fabricou o barco “louvor de dois países”, 100 côvados de madeira-méru, e 60 “barcos 160 (côvados?) do rei”. Arrasar o país dos Núbios. Trazer prisioneiros: 7.000; bovinos grandes e pequenos: 200.000. Construir a fortaleza do Alto e do Baixo Egito, “os domínios de Seneferu”. Trazer 40 barcos cheios de pinheiros. Nível do Nilo: 2 côvados e 2 dedos.²

O ano da entronização do rei, quarta corrida do touro Ápis, e de colocar no mundo em ouro (a estátua) do Hórus Nebmaat, e de gravar para os deuses (os hieróglifos). Trazer, da terra dos Líbios, prisioneiros: 1.100; bovinos grandes e pequenos: 13.100. Vir arrasar a fortaleza de Ida (?)³

¹ Cf. Valbelle, 1990, 35.

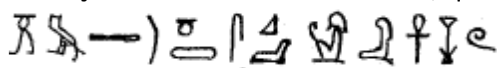
² Roccati, 1982, 39; Breasted, 1906, 65, 66; Valbelle, 1990, 34.

³ Roccati, 1982, 40.

Pelos registos, percebe-se que, de forma coerciva, as forças militares de Seneferu em expedição fizeram apreensões e, em consequência, chegaram, portanto, ao Egito 7.000 Núbios (*nehesiu*) e 1.100 Líbios (*tjehemu* ou *tjemehu*) como prisioneiros vivos, englobando homens, mulheres e crianças.⁴ A preocupação de recenseamento exaustivo (de gado e de prisioneiros) acompanha as preocupações de interesse económico, de controlo dos meios de produção e de gestão da mão-de-obra e sua contabilização, tarefas auto-impostas pelo poder central egípcio.⁵

Baixos-relevos em calcário com restos de policromia do complexo funerário do faraó Sahuré (2491-2477 a.C.), em Abusir, já da V dinastia, comemoram uma vitória militar do faraó na Líbia através do inventário dos prisioneiros trazidos para o Egito na ocasião.⁶ Embora se encontrem hoje num estado extremamente fragmentário, estas representações desenrolam-se no templo baixo e no templo alto da pirâmide de Sahuré, bem como na calçada que os liga.⁷ Um dos fragmentos mais bem conservado (encontrado no templo alto) apresenta uma narrativa, mais visual que escrita, em que a deusa Sechat, a divindade da História, se encarrega oficialmente do registo dos acontecimentos, sendo os chefes líbios vencidos e suas famílias representados à esquerda. Por baixo são figurados os rebanhos (cabras e carneiros) e as manadas (bois e burros) capturados, com a indicação do seu número⁸- Fig. 1. O curto registo escrito sobre os prisioneiros reza:

⁴ Cf. Lalouette, 1986, 65, 69. Ao mencionar os prisioneiros de guerra trazidos por Seneferu da Líbia, Claire Lalouette aponta um número que consideramos um «lapso tipográfico»: «11.000» em vez de 1.100 (Cf. Lalouette, 1985, 35; 1986, 69). O mesmo «lapso tipográfico» surge em Grimal (Cf. Grimal, 1988, 84). Defendemos esta leitura, tomando como boa a anotação manuscrita de Kurt Sethe, que claramente nos mostra o número 𐀓𐀓, «1.100»:



(Sethe, 1933, I. 237).

⁵ Cf. Valbelle, 1990, 36, 43, 65, 66.

⁶ Cf. Verner, 2003, 242; 2004, 287.

⁷ Cf. PM, 1974, 326, 327.

⁸ Este fragmento, com 1,40 m, encontra-se hoje em Berlim, no Staatliche Museen/Ägyptisches Museum und Papyrussammlung (nº 21782) - Cf. Borchardt, 1913, Blatt 1; PM, 1974, 329.

*Sechat, funcionária na casa dos escritos divinos e funcionária na escola da nobreza: escrever o número de soldados prisioneiros trazidos de todos os países ... (países) Decher, Baket ...*⁹

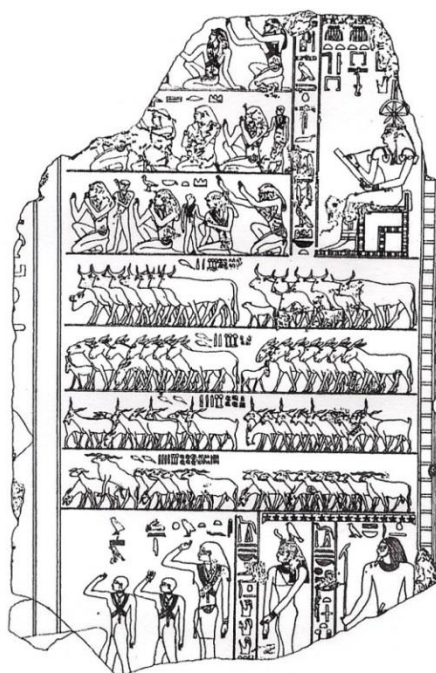


Fig. 1. A deusa Sechat registrando número de prisioneiros líbios trazidos pelo faraó Sahuré. V Dinastia.

Os guerreiros líbios vencidos são facilmente reconhecidos pelas suas longas cabeleiras e barbas, pelos seus típicos colares, *écharpes* (cingindo o tronco) e estojos fálicos.¹⁰ Na cena de triunfo participam igualmente outras divindades egípcias: além de Sechat, a secretária divina responsável pelo registo, surgem Set, o deus do Alto Egito, com a sua característica cabeça de animal fabuloso, e Sopedu, "senhor dos países estrangeiros", divindade do deserto.¹¹ Historicamente esta representação é relevante por se tratar da primeira figuração egípcia de prisioneiros da guerra - Fig. 2.

⁹ Roccati, 1982, 58.

¹⁰ Cf. Adam, Ziegler, 1999, 180; Verner, 2004, 51.

¹¹ Cf. Adam, Ziegler, 1999, 180; Borchardt, 1913, Blatt 5-7.

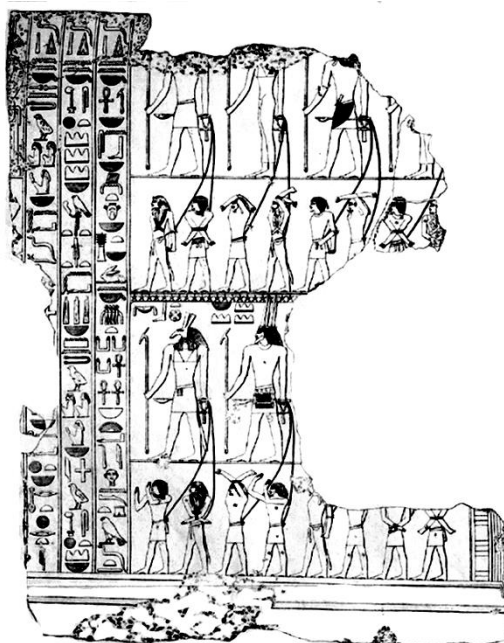


Fig. 2. Fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré.
Os deuses (Set e Sopedu) levam os prisioneiros ao rei. V Dinastia.

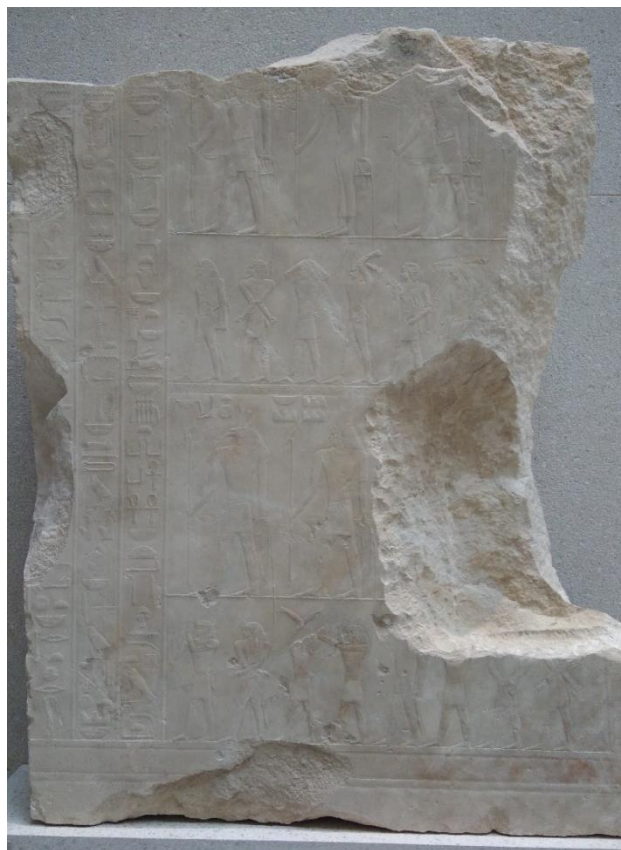


Fig. 3. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré.
V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.



Fig. 4. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré. Registro superior. V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.



Fig. 5. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré. Registro intermédio. Deuses Set e Sopedu. V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.



Fig. 6. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré. Registro inferior. V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.



Fig. 7. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahurê. Registo inferior. V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.

Em sinal de aprovação, os deuses conduzem os aprisionados líbios e afirmam enfaticamente sobre o faraó: *"Dou-te todos os povos hostis com todas as provisões que existem em todos os países estrangeiros"*. A vitória de Sahurê é celebrada com um eloquente hino laudatório, supostamente entoado por Egípcios e Líbios: "Glória a ti, Sahurê, amado de Tot, senhor dos países estrangeiros; Glória a ti, Sahurê, deus dos vivos, nós contemplamos a tua perfeição; Glória a ti, Sahurê, temos visto ...; Glória a ti, Sahurê, tu és o nosso guia; Glória a ti, Sahurê, perfeito é Hórus, senhor de todo o país".¹²

A V dinastia inaugura um modo original de figuração das vitórias reais nos complexos funerários dos faraós. No caso de Sahurê, mais do que valor simbólico-ideológico, parece estarmos perante o registo de um acontecimento real, de uma histórica actividade militar e de uma política militar coerente e sistemática assumida e conduzida pela Casa Real.¹³

Na dinastia seguinte, com os relatos privados, amplia-se a nossa compreensão da natureza, alcance e objectivo das intervenções armadas egípcias no estrangeiro.¹⁴ Pela "biografia de Uni" (Fig. 8), somos informados das campanhas vitoriosas no Sinai e em Canaã, decididas por Pepi I (2332-2283 a.C.) e dirigidas por Uni, alto personagem da corte de Mênfis, *imakhw*, "venerável", que puseram fim,

¹² Roccati, 1982, 60.

¹³ Cf. Valbelle, 1990, 66.

¹⁴ Cf. Valbelle, 1990, 66.

durante algum tempo (até ao fim da VI dinastia), às pequenas guerras do deserto, sobretudo na fronteira nordeste do país, permitindo a segurança das pistas caravaneiras que vinham dos longínquos países mesopotâmios ou da Arábia.¹⁵

Confidente e favorito do faraó Pepi I, com inúmeras funções na administração civil, militar e religiosa do Estado menfita, Uni fez uma consistente ascensão na hierarquia administrativa¹⁶ e relata na sua biografia, com detalhe, como foi colocado à frente de um importante exército, compreendendo recrutas originários de todas as regiões do Egipto, de cinco tribos da Núbia (Irtjet, Medja, Yam, Uauat, Kaau) e de uma da Líbia (Tjemeti).

As suas seis vitoriosas campanhas contra os beduínos asiáticos (“habitantes da-areia”) são devidamente elogiadas naquele que é considerado o primeiro verdadeiro poema de vitória.¹⁷ Com efeito, o regresso vitorioso do seu exército é anunciado literariamente com um ritmo e uma cadência que prefiguram a marcha triunfal dos soldados vencedores. Aliás, a habilidade e o ritmo que se desprendem de toda a composição biográfica fazem dela um monumento literário único, que encerra em si qualquer coisa de maravilhoso e por onde perpassa a personalidade do seu autor e o carácter de documento histórico de todo o registo.¹⁸

¹⁵ Embora destinados à posteridade, protegendo o nome dos seus proprietários do esquecimento ou seja, como se dizia em egípcio, destinadas a «fazer viver os seus nomes”, estas autobiografias de particulares, inscritas nas paredes das capelas funerárias das mastabas ou dos túmulos das necrópoles e registando, quase sempre, factos precisos, isolados, pessoais, são textos muito úteis pelos informes que nos fornecem e que permitem o cruzamento e as conexões com factos mais gerais, de interesse regional, nacional e/ ou internacional (Cf. Erman, 1971, 108; Lalouette, 1981, 8, 9, 22, 23, 25; 1991, 14; Sales, 2001a, 128, 129).

¹⁶ Uni teve uma longa carreira: iniciou-a sob o faraó Teti (2345-2333 a.C.), continuou durante todo o reinado de Pepi I (2332-2283 a.C.) e terminou já sob Merenré (2283-2278 a.C.) - Cf. Lichtheim, 1975, 18; Lalouette, 1984, 323, nota 11.

¹⁷ Para James Henri Breasted, o relato de Uni “is the largest narrative inscription and the most important historical document from the Old Kingdom” (Breasted, 1906, 134).

¹⁸ A relação dos factos foi reencontrada esculpida num bloco de calcário monolítico (1,10 m de altura; 2,70 m de largura) que fazia parte do muro da capela exterior da mastaba de Uni, em Abidos. O bloco tem 51 colunas verticais, precedidas por uma linha horizontal, e está hoje no Museu Egípcio do Cairo (Cairo Museum nº 1435). Esta mastaba foi inicialmente escavada por Auguste Mariette, em 1860 (Cf. Roccati, 1982, 188; Lalouette, 1984, 323, nota 11; Bonhême, Forgeau, 1988, 108).

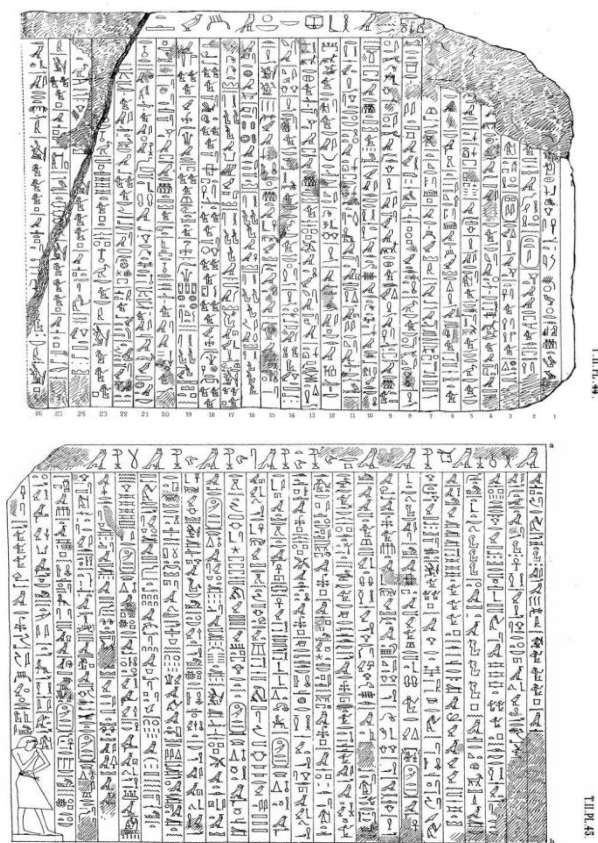


Fig. 8. Bloco de granito com “Biografia de Uni”. Museu Egípcio do Cairo (nº 1435).

Os elementos recolhidos na biografia de Uni são extremamente significativos e fazem uma alusão explícita a uma tentativa de invasão ou pelo menos a um ataque suficientemente sério no norte da Palestina, com recrutamento militar na Núbia e na Líbia.¹⁹

Sua Majestade repeliu os Âamu que-vivem-na-areia, tendo recrutado um exército muito numeroso de todo o Alto Egipto, das regiões a Sul de Elefantina a Norte do nomos de Afroditépolis, das duas unidades administrativas do Baixo Egipto, de Sedjer e de Khensedjeru, dos núbios de Irtjet, dos núbios de Medja, dos núbios de Yam, dos núbios de Uauat, dos núbios de Kaau, bem como da terra dos Tjemeti [Líbios]”. (...). “Este exército regressou em paz, após ter arrasado o país dos habitantes-da-areia. Este exército regressou em paz, após ter saqueado o país dos habitantes-da-areia. Este exército regressou em paz, após ter derrubado as suas cidades fortificadas. Este exército regressou em paz, após ter

¹⁹ Cf. Valbelle, 1990, 49, 50. As forças egípcias ter-se-ão dividido em duas partes: uma seguiu por mar, comandada por Uni, e a outra pela rota setentrional do Sinai. É de realçar o facto de esta expedição, o mais considerável exército levado a combater fora do Egipto no Império Antigo, ter sido comandada por um civil (Cf. Valbelle, 1990, 67, 68).

cortado as suas figueiras e as suas videiras. Este exército regressou em paz, após ter dizimado muitos soldados. Este exército regressou em paz, após ter trazido muitos dos seus soldados como prisioneiros.²⁰

Deve salientar-se que nesta época não existia ainda um exército regular e que o levantamento/ recrutamento das tropas constituía, por isso, um facto impossível fora dos quadros de um Estado e de uma sociedade estratificada que não usasse, em seu proveito, o trabalho daqueles que se encontravam “dependentes” (*mertu*) ou “ao serviço de” (*bak*).²¹ Um aspecto a valorizar é que empresas similares à que Uni relata deviam seguramente realizar-se no Egipto desde há séculos, mesmo se na altura não faziam ainda parte dos temas narrativos historiografados e apresentados num túmulo.²²

Ainda no Império Antigo, a “biografia de Pepinakht”, relata as duas missões de firme pacificação da agitação na Núbia chefiadas por este “o intendente dos países estrangeiros”, príncipe de Elefantina e chefe do exército egípcio que viveu no final da VI dinastia sob o reinado de Pepi II (2278-2184 a.C.), feitas à custa do aprisionamento dos chefes das tribos núbias e dos seus soldados.²³

A Majestade do meu senhor enviou-me (1ª missão) a esmagar o país de Uauat e de Irtjet. Executei-o de tal forma que o meu senhor recompensou-me. Matei muitos (homens), dos quais os filhos do governador e o director das tropas capazes [tropas de elite]. Trouxe de lá um grande número para a Residência como soldados prisioneiros, enquanto estive à frente de numerosos e poderosos soldados como um valente.[...].²⁴

A Majestade do meu senhor enviou-me (2ª missão) ainda a submeter estes mesmos países estrangeiros. Procedi de tal maneira que o meu senhor recompensou-me de uma forma excelente. Trouxe os dois

²⁰ Cf. Roccati, 1982, 193, 194; Breasted, 1906, 142-144; Wilson, 1969, 227, 228; Gardiner, 1961, 95, 96; Lichtheim, 1975, 19, 20; Lalouette, 1984, 165, 166; Valbelle, 1990, 45, 48, 49.

²¹ Estes grupos de soldados, autóctones ou estrangeiros, estavam, seguramente, numa condição de sujeição que caracterizava, no Império Antigo, o trabalho dependente. Eram «dependentes» (*mertu*) ou «trabalhadores ao serviço» (*baku*). O termo *bak* sugere a existência de uma forma de coerção central e designa a dependência do rei, de uma forma genérica, a que estavam sujeitos, portanto, praticamente todos os Egípcios.

²² Cf. Roccati, 1982, 189.

²³ O relato das suas duas expedições encontra-se esculpido no seu túmulo, em Elefantina (Qubbet el-Haua), entre os túmulos de Herkhuf e de Sabni, embora num texto menos original e mais curto do que, por exemplo, o de Herkhuf (Cf. Roccati, 1982, 208; PM, 1937, 236, 237). Cf. Breasted, 1906, 161, 162.

²⁴ Roccati, 1982, 209, 210; Breasted, 1906, 163.

governadores destes países estrangeiros à Residência em paz e os bois e os bezerros vivos. Eles foram seleccionados para a Residência com os filhos do governador e o director das tropas que estavam com eles.[...].²⁵

Esta firme pacificação das tribos núbias fez-se à custa dos chefes das suas tropas de elite e dos seus soldados que foram mortos e/ ou aprisionados e trazidos como cativos estrangeiros para o Duplo País. Muitos desses cativos iriam engrossar as fileiras dos contingentes armados ao serviço da Residência (= Palácio Real = Estado egípcio). No Primeiro Período Intermediário vamos encontrá-los já integrados na sociedade egípcia, nos contingentes militares, como arqueiros, e num novo corpo de polícia (os Medjaiu), embora conservando alguns sinais exteriores da sua própria cultura.²⁶

Dominique Valbelle chama a atenção para um aspecto demográfico-sociológico significativo subjacente aos aprisionamentos egípcios no Império Antigo: “Pour une population évaluée à environ 1,5 million, introduction successive de 7000 Nubiens et de 1100 Lybiens sous Snéfrou, de 17000 Nubiens au cours de la IV^e ou de la VI^e dynastie et de beaucoup d’autres dont le nombre ne nous est pas conservé - soit comme prisonniers, soit comme mercenaires - ne devait pas passer complètement inaperçue.”²⁷

Os *Anais*²⁸ de *Amenemhat II* (Fig. 9), indubitavelmente o mais importante texto do reinado de Amenemhat II (1929-1895 a.C.), da XII dinastia, já no Império Médio, com um formulário de recorda em muito os *Anais* da VI dinastia, evocam uma expedição militar à Ásia, uma expedição comercial ao Sinai, as caçadas (rituais) do faraó, as doações às divindades e aos templos, as listas de estátuas e de edifícios, as recompensas atribuídas por Amenemhat II, provavelmente no final da sua primeira década de reinado, e salientam a chegada de prisioneiros de guerra em resultado dessas incursões exteriores²⁹:

²⁵ Roccati, 1982, 210; Breasted, 1906, 163.

²⁶ Cf. Valbelle, 1990, 45, 70, 82.

²⁷ Cf. Valbelle, 1990, 44.

²⁸ Em egípcio *genut*, «registo diário».

²⁹ Cf. Callender, 2000, 163. Conhecida desde 1974, após a sua descoberta em Mit-Rahina, por Gerhard Haeny, a inscrição deste bloco de granito rosa, o maior dos fragmentos dos *Anais de Amenemhat II*, com 41 colunas de incisos hieróglifos, foi editada pela primeira vez em 1980 por Sami Farag, na época Director dos Serviços de Antiguidades em Mênfis e Sakara – o fragmento é, por isso, muitas vezes, designado como «fragmento de Farag». O bloco,

Enviar um exército a Khenty-che [...] todos os serviços impostos destinados ao rei, colocados (?) sob a responsabilidade (?) de Sekhem-Amenemhat. Enviar um exército com o responsável da infantaria do exército (?) para destruir (o país) Iua de Sétjet. [...].

Fazer uma estátua em madeira do responsável dos camponeses Ameny, que será colocado por ele em Djéfa-Amenemhat. [Vindo baixando a cabeça dos filhos dos soberanos de Ka]ch e Ubat-sepet encarregues dos seus tributos. Eles trouxeram nos seus braços [Lista de tributos].

Vindo baixando a cabeça dos filhos dos soberanos de Setjet. Eles trouxeram: em prata, 220 deben, (...) cabras (?), que fazem 56 cabeças de gado miúdo; 1002 Aamu, chumbo, 6 deben; branco de chumbo, 55 deben. (...)

Vindo baixando a cabeça dos....(?) de Tjempau. Eles trouxeram nos seus braços: chumbo, 238 deben $\frac{1}{4}$.

[Retorno do exército e do responsável da] infantaria enviados para devastar luai e lasy: número de cativos trazidos destas duas regiões montanhosas, 1554 Aamu; de bronze e de madeira, 10 machados, 33 foices, 12 punhais; [lista de tributos continua]

[Regresso do exército enviado a Khenty-che em dois barcos. Eles relataram: de dinheiro, (...); de bronze (...); de cobre, (...); de branco de chumbo (...); de mármore, (...); (...); (...); 65 Aamu; (...).

O rei descansou no palácio de Ta-che, no sul da ilha do rei do Alto e do Baixo Egito Kheperkaré. Sua Majestade puxou uma rede de 12 côvados de comprimento à sua porta, caçando na companhia dos seus senhores. Relataram-se 4000 patos (...). Nunca algo semelhante ocorrera sob os deuses que existiam antes. (...).

Conceder uma recompensa consistindo em) servos, campos, ouro e todos os tipos de coisas boas em grandes quantidades para o responsável da infantaria, para o controlador dos recrutas e os recrutas que regressaram depois de ter em devastado luai e lasy e que trouxeram

com 1,92 m de altura x 2,49 de comprimento x 48 cm de espessura, foi encontrado sob a base de uma estátua de Ramsés (SCHISM 3701), erigida na entrada meridional do templo de Ptah, em Mênfis, e deveria ser parte de uma inscrição parietal do templo e não uma estela (Cf. Farag, 1980, 75-82; Goedicke, 1991, 89, 90; Málek, Quirke, 1992, 13, 18; Obsomer, 1995, 595; Callender, 2000, 163; Baines, 2008, 19; Tallet, 2009, 482). A referência ao vizir Ameny, cuja nomeação para o cargo só aconteceu depois do 8º ano de reinado de Amenemhat II, em substituição de Senuseret, permite estabelecer como datação precisa dos acontecimentos narrados o final da primeira década de reinado do faraó (Cf. Tallet, 2009, 482, Obsomer, 1995, 196).

carregamentos de Khery-Amenemhat graças aos cativos [...] destas duas regiões montanhosas

Exigir os bens das mulheres Aamet dos cativos (?) para os filhos reais, para os senhores do rei, para os chefes do palácio da caça real (...).³⁰

O texto está incompleto, mas sugere que faria parte de um relato mais extenso.³¹ Ainda assim, a expedição militar é descrita como totalmente vitoriosa. Comprovam-no o espólio-tributo de várias espécies recebido dos subjugados povos e das dominadas cidades, bem como os prisioneiros efectuados.

Também aqui se menciona explicitamente o número de cativos estrangeiros, neste caso, no total, apelidados de “Aamu”, isto é, Asiáticos ou Semitas ou Palestinianos, resultantes da destruição das cidades de Iuay e Iasy, que Wolfgang Helck identifica com Ura, na moderna Turquia, e Alasia, em Chipre, respectivamente³².

Os prisioneiros, supostamente homens, mulheres e crianças, foram deslocados para o complexo funerário ou para a cidade de Sekhem-Amenemhat, muito provavelmente para trabalharem na construção da “Pirâmide Branca” de Amenemhat II, no planalto de Dahchur. É curiosa a informação sobre o confisco dos bens das “mulheres Aamet dos cativos” feito em proveito da família e dos agentes reais egípcios. No final da dinastia, muitos destes prisioneiros de guerra estavam misturados e integrados na população egípcia.

³⁰ Obsomer, 1995, 597-601.

³¹ Cf. Goedicke, 1991, 89, 90.

³² Se estas identificações estiverem correctas, as campanhas militares egípcias terão atingido áreas geográficas bem mais distantes do que aquelas que inicialmente se supunha (Altenmüller, 2015, 297-306).

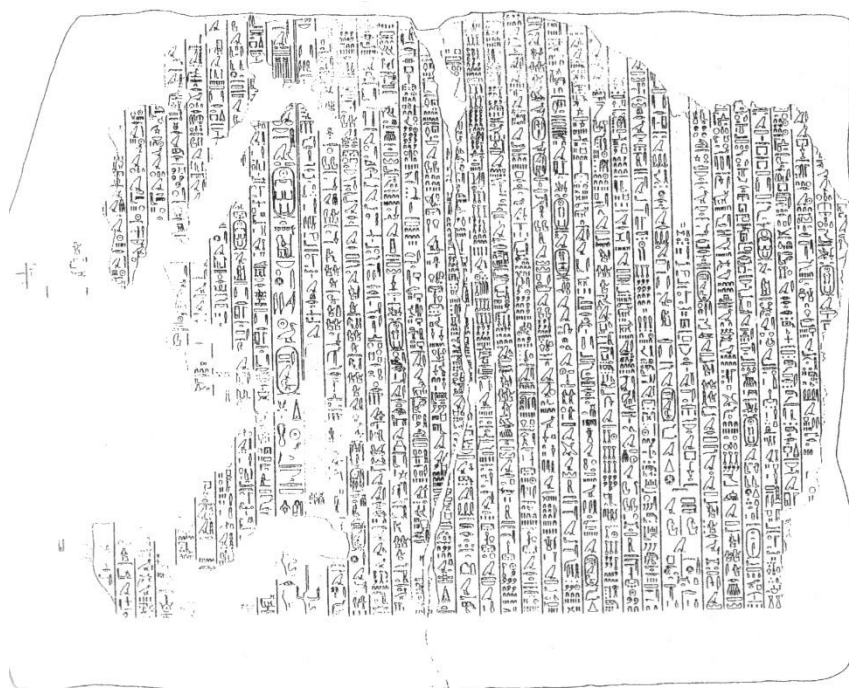


Fig. 9. Anais de Amenemhat II, XII dinastia, Império Médio.

Conclusão

Sabemos as precauções com que os grandes textos históricos e as suas ilustrações iconográficas, egípcias como estrangeiras, devem ser tratados, sobretudo quando são constituídos por relatos de vitórias e listas de países conquistados.³³ Sabemos que frequentemente as composições oficiais textuais e visuais estão repletas de justificações retóricas, vanglória e hipérboles (“Nunca algo de semelhante se havia feito”, *n sp ir.t(w) mitt*) claramente favoráveis aos vencedores e, por outro lado, de omissões e distorções que, por isso, deformam os factos. Nem sempre, portanto, se destriça com clareza a linha de demarcação entre o que é histórico, real, e o que é ideológico, ficcional. No entanto, há “linhas de força” que se podem extrair das análises efectuadas.

Assim, desde logo, a maioria das acções militares egípcias de carácter ofensivo foram justificadas como respostas organizadas a movimentos de rebelião das forças hostis (os “rebeldes”, *xen, betenu, sebi reku besetetiu*³⁴) e, em consequência, procuravam simultaneamente cumprir dois objectivos: pacificar as regiões rebeldes,

³³ Cf. Valbelle, 1990, 12.

³⁴ Cf. Grimal, 1986, 649-651.

por um lado, e capturar os seus bens, por outro. Uma campanha (*udjit*) era vitoriosa (*nakht*) quando conseguia atingir estes objectivos.

É no âmbito deste segundo objectivo que se insere a captura de prisioneiros de guerra que, por sua vez, permitia garantir vários desideratos: desde logo, reduzir ou aniquilar a capacidade de resposta dos povos vencidos contra o Egipto; por outro, ampliar os recursos humanos disponíveis para a reprodução da riqueza egípcia e, finalmente, agradecer as divindades egípcias pela sua decisiva ajuda e protecção durante as campanhas militares, como verdadeiros autores das vitórias e senhores dos êxitos militares e políticos.

Concomitantemente, o registo escrito e plástico dos triunfos militares e da captura dos *sekeru-ankh* dos Impérios Antigo e Médio (na Núbia, na Líbia, no Sinai e em Canaã) satisfaziam os intuitos de poder do faraonato, ajudando a construir uma hábil feição intimidatória, para o interior e para o exterior do Egipto, capaz de dissuadir quaisquer futuros desafios à autoridade real egípcia. À luz da mentalidade egípcia, o seu país encontrava-se no centro cósmico, rodeado de povos inferiores e caóticos (“Nove Arcos”) passíveis e possíveis de serem conquistados, explorados, ordenados. Devido à sua agressividade inata, os inimigos exigiam a atenção e a acção avassaladora do faraó e dos seus exércitos, qualitativamente superiores e agentes das divindades, para os combater, destruir e aprisionar. Pela sua incansável, heróica e audaz conduta militar, vigilante e protectora, os faraós mantinham o universo ordenado, rechaçando permanente e continuamente as forças hostis.

No antigo Egipto, a captura de inimigos de guerra foi, portanto, um útil processo na dupla estratégia de submeter completamente os povos derrotados (os rebeldes) e de proclamar o papel regularizador e ordenador do Cosmos desempenhado pelo faraó egípcio. O carácter real, simbólico e profiláctico da captura de prisioneiros vivos é enorme e tinha, em qualquer das vertentes que consideremos, como função neutralizar os inimigos reais ou potenciais do Egipto, assimilados, por isso, às potências do caos.

Bibliografia

Adam, Jean-Pierre; Ziegler, Christiane, 1999, *Les pyramides d’Égypte*, Paris, Hachette Littératures.

Altenmüller, Hartwig; Moussa, Ahmed M., 1991, "Die Inschrift Amenemhets II. aus dem Ptah-Tempel von Memphis, ein Vorbericht" in *Studien zur Altägyptischen Kultur* 18 (SAK), pp. 1-48.

Baines, John, 2008, "On the evolution, purpose, and forms of Egyptian annals" in Eva-Maria Engel, Vera Müller, Ulrich Hartung (eds.), *Zeichen aus dem Sand. Streiflichter aus Ägyptens Geschichte zu Ehren von Günter Dreyer*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, pp. 19-40.

Benson, Douglas S., 1995, *Ancient Egypt's Warfare*, Ohio, Bookmasters.

Bonhême, Marie-Ange; Forgeau, Annie, 1988, *Pharaon – Les secrets du pouvoir*, Paris, Armand Colin.

Borchardt, Ludwig, 1913, *Das Grabdenkmal des Königs Saḥure^c, Band II. Die Wandbilder*, Leipzig, J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung.

Breasted, James Henry, 1906, *Ancient Records of Egypt, Volume I. The first to the Seventeenth Dynasties*, Chicago, The University of Chicago Press.

Callender, Gae, 2000, "The Middle Kingdom Renaissance (c.2055-1650 BC)" in Ian Shaw (dir.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press.

Carreira, José Nunes, 2001, "Legitimação do poder no Egípto faraónico" in *Clio* 5, pp.19-33.

Clayton, Peter, 1995, *Chronique des pharaons. L'histoire règne par règne des souverains et des dynasties de l'Égypte ancienne*, Paris, Castelman.

Cottrell, Leonard, 1968, *The warrior pharaohs*, London, Evans Brothers.

Derchain Philippe, 1962, "Le rôle du roi d'Égypte dans le maintien de l'ordre cosmique" in *Le Pouvoir et le Sacré*. Bruxelles, Université Libre de Bruxelles, pp. 61-73.

Erman, Adolf, 1971, *Life in Ancient Egypt*, New York, Dover Publications.

Farag, Sami, 1980, "Une inscription Memphite de la XIIe dynastie", *RdE* 32, pp. 75-82, pls. 3-5.

Frandsen, P. J., 197), "Egyptian Imperialism" in M.T. Larsen (ed.), *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires (Mesopotamia 7)*. Copenhagen, Akademisk Forlag, pp. 167-190.

_____, 1961, *Egypt of the Pharaohs. An introduction*, Oxford, Oxford University Press.

Goedicke, Hans, 1991, "Egyptian Military Actions in "Asia" in the Middle Kingdom", *RdE* 42, pp. 89-94.

_____, 1988, *Histoire de l'Égypte ancienne*, Paris, Fayard.

Hall, Emma Swan, 1986, *The pharaoh smites his enemies. A comparative study*, Munique-Berlin, Deutscher Kunstverlag.

Lalouette, Claire, 1981, *La Littérature Égyptienne*, Paris, PUF.

_____, 1984, *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte. I. des pharaons et des hommes*. Paris: Gallimard.

_____, 1985, *L'empire des Ramsès*, Paris, Fayard.

- _____, 1986, *Thèbes ou la naissance d'un Empire*, Paris, Fayard.

_____, 1991, *Au royaume d'Égypte. Le temps des rois-dieux*, Paris, Fayard.

Leclant, Jean, 1980, "Les "empires" et l'impérialisme de l'Égypte pharaonique" in AAVV, *Le concept d'empire*. Paris, PUF, pp. 49-68.

Lichtheim, Miriam, 1975. *Ancient Egyptian Literature. A book of readings. Volume I: The Old and the Middle Kingdom*, Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press.

Málek, Jaromír; Quirke, Stephen, 1992, "Memphis, 1991: Epigraphy" in *JEA* 78, pp. 13.18.

Manley, Bill, 1998, *Atlas historique de l'Égypte ancienne. De Thèbes à Alexandrie: la tumultueuse épopée des pharaons*, Paris, Éditions Autrement.

Martínez Babón, Javier, 2008, *Faraones Guerreros. Historia militar de Egipto desde la dinastía I hasta la XXVI*, Barcelona, Llibreria Mizar.

McDermott, Bridget, 2004, *Warfare in Ancient Egypt*, Gloucestershire, Sutton Publishing Ltd..

Moussa, Ahmed M.; Altenmüller, Hartwig, 1991, "Die Inschrift Amenemhet II. aus dem Ptah-Tempel von Memphis, ein Vorbericht", *SAK* 18, pp. 1-48.

Nardo, Don, 2002, *The history of weapons and warfare. Ancient Egypt*, San Diego, Lucent Books.

Newberry, Percy H., 1980, *Warrior pharaohs: the rise and fall of the Egyptian Empire*, London, Book Club Associates.

Obsomer, Claude, 1995, *Sésostris Ier. Étude chronologique et historique du règne*, Bruxelles, Safran.

O'Connor, David; Silvermann, David P., 1995, *Ancient Egyptian Kingship*. Leiden, Brill.

Partridge, Robert B., 2002, *Fighting pharaohs. Weapons and Warfare in Ancient Egypt*, Manchester, Peartree Publishing.

Pérez Largacha, Antonio, 2018, "Preservación del orden versus propaganda; "Cultura de la guerra" o "Culto a la guerra" en los textos militares faraónicos" in Fernando Carmona Fernández e José Miguel García Cano (eds.) e José Javier Matinez García (coord.), *Guerra y Violencia en la Literatura y en la Historia*, Murcia, Universidad de Murcia, pp. 7-15.

Porter, Berta; Moss, Rosalind (=PM), 1937, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. V. Upper Egypt: Sites* (1st ed.), Oxford, Griffith Institute/ Ashmolean Museum.

_____(=PM), 1974, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III. Memphis. Part 1. Abû Rawâsh to Abûshîr* (2nd ed.), Oxford, Griffith Institute/ Ashmolean Museum.

- Posener, Georges, 1960, *De la divinité du pharaon*. Paris, Cahiers de la Société Asiatique 15.

Roccati, Alessandro, 1982, *La littérature historique sous l'Ancien Empire Égyptien*, Paris, Les Éditions du Cerf.

Sales, José das Candeias, 1997, *A ideologia real egípcia e académica. Representações do poder político pré-clássico*. Lisboa, Editorial Estampa.

_____. 2001a, "Autobiografias" in Luís Manuel de Araújo (dir.), *Dicionário do antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, pp. 128-129.

_____. 2001b, "Prisioneiros" in Luís Manuel de Araújo (dir.), *Dicionário do antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, pp. 211-212.

_____, 2008a, *Poder e Iconografia no antigo Egipto*, Lisboa, Livros Horizonte.

_____, 2008b, "O massacre ritual dos inimigos nos templos ptolomaicos" in António Ramos dos Santos e José Varandas (Coord.), *A Guerra na Antiguidade II*, Lisboa, Editora Caleidoscópio, pp. 61-87.

_____, 2012, "The smiting of the enemies scenes in the mortuary temple of Ramses III at Medinet Habu" in *Oriental Studies – Journal of Oriental and Ancient*

History 1, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 79-110.

_____, 2018, "Os Impérios da História do Antigo Egito: em torno do conceito de "Império"" in Delfim Leão, José Augusto Ramos, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Arqueologias de Impérios*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 37-55.

Sethe, Kurt, 1933, *Urkunden des Alten Reichs. Erster Band*, Leipzig.

Shaw, Ian (dir.), 1991, *Egyptian warfare and weapons*, Aylesbury, Shire Publications.
_____, 2000, *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press.

Tallet, Pierre, 2009, "Amenemhat II et la chapelle des rois. A propos d'une stèle rupestre redécouverte à Sérahit al-Khadim" in *BIFAO 109*, pp. 473-493.

_____, 2015, *Sésostri III et la fin de la XII^e dynastie*, Paris, Pygmalion.

- Tarancón Huarte, Nerea, 2012, "Después de la batalla: el trato al enemigo en el contexto militar del Egipto faraónico", *ArqueoUCA: Revista Digital Científica Independiente de Arqueología*, nº2, pp. 29-41.

- Tresson, Paul, 1919, *L'inscription d'Ouni*, Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale.

- Valbelle, Dominique, 1990, *Les neufs arcs. L'égyptien et les étrangers de la Préhistoire à la conquête d'Alexandre*, Paris, Armand Colin.

- _____, 1998, *Histoire de l'État pharaonique*, Paris, PUF.

- Verner, Miroslav, 2003, "The pyramids of the fifth dynasty" in Zahi Hawass, *The treasures of the Pyramids*, Cairo, The American university in Cairo Press, pp. 237-259.

- _____, 2004, *Pyramids. The mystery, Culture, and Science of Egypt's Great Monuments*, Cairo/ New York, The American University in Cairo Press.

- Vernus, Pascal, 1986, "Le concept de monarchie dans l'Égypte ancienne" in E.L. Ladurie, dir. *Les monarchies*. Paris, PUF, pp. 29-42.

- _____ (2011), "Los barbechos del demiurgo y la soberanía del faraón. El concepto de "imperio" y las latencias de la creación" in M. Campagno, J. Gallego, C. G. Garcia Mac Gaw, comps., *El Estado en el Mediterráneo antiguo. Egipto, Grecia. Roma*, Buenos Aires, Miño y Dávila, pp. 13-43.

- Wilson, John A., 1969, "Egyptian Historical Texts" in James Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament, Third edition with supplement*, New Jersey, Princeton University Press, pp. 227-264.

RESUMO

Através de *raids* de intervenção em territórios vizinhos, de missões de firme pacificação de áreas limítrofes ou sob administração egípcia, por determinação do poder central ou de altos funcionários regionais, ou de vitoriosas campanhas militares planeadas pelo Estado, desde o Império Antigo que chegaram ao Egipto contingentes humanos que se integram na categoria de prisioneiros de guerra (*sekeru-ankh*, “prisioneiros/ cativos vivos”).

Qual a proveniência dos prisioneiros de guerra no Império Antigo e no Império Médio? Que tipos de prisioneiros existiram nestes dois períodos mais recuados da história egípcia? Que funções lhes estavam destinadas?

Pelas fontes disponíveis, de carácter narrativo-literário e/ ou plástico-iconográfico, podemos perceber esta realidade social e o seu enquadramento no universo demográfico e mental egípcio, responder a estas questões e traçar uma panorâmica diversificada dos prisioneiros de guerra, sempre enquadrada por um conceito egípcio de História em que a realeza, a ideologia e a legitimação influíam directamente na arte da guerra.

Palavras-chave:

Prisioneiros, textos, iconografia, Império Antigo, Império Médio.

ABSTRACT

Through intervention raids in neighboring territories, missions of firm pacification of bordering areas or under Egyptian administration, by determination of the central power or high regional officials, or victorious military campaigns planned by the State, since the Old Kingdom that arrived in Egypt human contingents that fall into the category of prisoners of war (*sekeru-ankh*, “prisoners/living captives”).

Where did prisoners of war come from in the Old Kingdom and the Middle Kingdom? What types of prisoners were there in these two earliest periods of Egyptian history? What functions were assigned to them?

From the available sources, of a narrative-literary and/or plastic-iconographic nature, we can understand this social reality and its framework in the Egyptian demographic and mental universe, answer these questions and draw a diversified overview of prisoners of war, always framed by a Egyptian concept of History in which royalty, ideology and legitimation directly influenced the art of war.

Keywords:

Prisoners, texts, iconography, Old Kingdom, Middle Kingdom.

